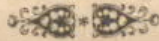


# O IDEAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA



DEDICADA ÀS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS

REDACTORES

REDACÇÃO

Trez mezes..... 180  
Com estampilha..... 200

G. Bello, M. de Mendonça e G. Oscar

Rua de Santa Maria

## CORAÇÃO MORTO

(CONCLUSÃO)

**M**AS elle desvairado pelo doce encanto d'aquelles olhos, cujo olhar o enfeitiçara, embriagado e atrahido irresistivelmente para ella, inclinouse, e as suas mãos prenderam essas mãos que cobriam o meigo rosto banhado de lagrimas, que desciam incessantes.

A capa que lhe cobria os hombros nus cahira para traz, e ao olhar deslumbrado d'esse homem ardentemente apaixonado appareceu esse lindo pescoço tão alvo e tão puro e o seu collo admiravel, firme e polido como se fosse esculpido em marmore côr de rosa.

E com voz tremula, em que se traduziam todos os cambiantes da sua paixão e dos seus desejos, elle disse lhe, tocando quasi com os labios os cabellos de Branca:

Por piedade para comigo não chore assim. Lembre-se que a amo Branca, amo-a loucamente, como a senhora nunca foi amada. Esqueça esse homem, que não é digno d'esse grande amor que a senhora lhe votou, e do qual não alimentava sequer a esperanza de ser correspondida... Pois não valerei eu tanto como elle? Olhe para mim Branca, e tenha compaixão d'este coração que a senhora tem torturado cruelmente.

Ella olhou para elle. Era na verdade um moço sympathico, com a sua alta estatura de uma elegancia impecavel, a sua bonita cabeça, coroadada de espessos e ondeantes cabellos castanhos, o seu rosto tão viril, onde o seu pequenino bigode louro punha uma expressão de audaciosa petulancia... E como esses olhos grandes e scismadores a fitavam perturbados e comovidos! Oh se ella podesse esquecer...

E como os seus olhos se esquecessem parados nos d'elle, elle ousou passar-lhe em vol-

ta da cinta o braço que a cingiu cariciosamente.

Branca não se oppoz a essa caricia. Parecia-lhe que revivia no passado, e ao contacto d'esse braço tremulo, sentindo passar-lhe no rosto o fogo d'esse halito, evocava essa noite mal-dicta, em que elle igualmente a acariciara.

Branca! murmurou elle timidamente, pousando um fugitivo beijo nos cabellos soltos, que cahiam sobre a testa em anneis. Branca, uma palavra só. Posso ter a esperanza do seu amor? Seja minha para sempre, a minha amante idolatrada, a senhora do meu coração... A honra é uma palavra, a felicidade uma hora...

E inteiramente perdido, ao contacto d'aquelle corpo que se lhe abandonava de encontro ao peito, elle pousou um longo beijo na pequenina bocca entre-aberta, que estava tão proxima dos seus labios.

Mas ao contacto d'aquella bocca audaciosa, ella deu um salto, como se uma cobra a tivesse mordido, e desprendendo-se subitamente e repellindo-o:

Ah!—exclamou com um desgosto profundo por si mesma—o que ia eu fazer meu Deus?!

Elle olhava-a, ainda todo tremulo da sensação estonteante d'aquelle beijo.

Branca, meu amor, que lhe fiz eu?

A culpa é só minha—murmurou ella como respondendo aos seus proprios pensamentos.

E ia affastar-se quando elle a chamou supplicante.

Offendi-a, perdoe-me, mas não se retire assim, sem me fallar.

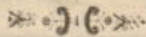
Vou-me embora meu amigo. A'manhã deixarei esta terra. Era louca e culpada porque queria enganar o meu proprio coração e enganalo ao senhor. Esqueça-me e adeus para sempre.

E antes que elle pensasse em a deter affastou-se a passos lentos. A lua subia no azul radioso, fazendo destacar da negrura do arvoredo as capellinhas brancas do Bom Jesus. Do alto da escadaria ella voltou-se, fez-lhe um gesto de despedida e desapareceu.

Elle ficou cahido sobre o banco, onde ainda lia pouco ella se abandonara ao seu caricoso amplexo, pensando com amargura indizivel que ella jamais o amaria, e que aquelle nobre e meigo coração, tão dedicado e tão sensivel estava bem morto para outro amor que não fosse o sentimento maldito mil vezes que lha roubára para sempre.

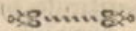
Guimarães, 4 de Abril de 1898.

LUCINDA RIBEIRO.



O ardil é legitimo no amor. A's vezes um homem finge ter ciúmes de uma mulher para que ella, os não tenha d'elle e por vezes tambem vae arguil-a de falsidade para melhor occultar a propria.

Walsh.



## A dama do landau

### I

QUANDO a vi pela primeira vez foi no Retiro, era uma tarde esplendida de primavera.

Estava a pobre creança junto a seu pae, um cego mysterioso que parecia ter estorpidas no rosto esqualido as angustias da miseria. O semblante da pobre creança, muito tostado pelo sol, era correcto e fino, os olhos grandes e negros refletiam uma tristeza infinita.

Collocaram-se os dois em uma rua parallela àquella em que a concorrência das equipagens era maior.

O cego tirava de uma velha rebeca uns sons lamentosos que no conjuncto produziam uma harmonia agravelavel ao ouvido. A creança approximava-se dos passeantes implorando a caridade, baixando os olhos com vergonha da sua miseria que tão frisantemente contrastava com a opulencia dos que por ali passavam alegres, alheios á miseria d'aquelles dois infelizes.

Cheguei a sympathisar com aquelle pobre velho, a quem soccorri na proporção das minhas forças. Muitas vezes, ao deixar na formosa mão da pequena a minha esmola, pareceu-me que o seu debil corpinho estremeçia nervosamente.

### II

Depois d'uma ausencia de dez annos, voltei a Madrid.

N'uma tarde d'inverno, em que o sol convidava a passear, lembrei-me de ir até ao Retiro, calculando que devia estar muito concorrido.

Não me tinha enganado. A animação era tão

grande como tinha supposto. Mais de cem equipagens se cruzavam em todo o sentido, apresentando á vista um encantador aspecto.

Estava contemplando aquelle surpreendente movimento, quando proximo a mim passou, tirado por dois magnificos cavallos inglezes, um elegante landau onde ia recostada em bellos almofadões, uma mulher formosissima que me o hou provocadoramente.

Deive-me estatico ante aquella peregrina belleza, mas, de repente, fiquei estarrecido, como se tivesse visto a morte.

Aquella tentadora Cleopatra que possuia em seu corpo todos os encantos sensuaes e em seus olhos infinitas promessas de amor causou-me tedio.

Ella vestida com tanto luxo!

A creança do cego, a formosa mendiga feita meretriz!...

Dirigi-me ao sitio onde, dez annos antes, tinha visto os mendigos. Alli, no mesmo sitio, lá estava o pobre cego, mas só, sem uma mão amiga, sem um ente querido para recolher a esmola e mitigar-lhe as penas. Infeliz!

Tinha o rosto sulcado de rigas e a cabeça cheia de cabellos brancos pendia-lhe sobre o peito. Pareceram-me mais tristes que nunca as notas que arrancava da rebeca, como se a caixa acustica estivesse cheia de lagrimas.

Pobre velho!

(Trad).

RAUL BRAMÃO.



## ROSAS DE FEBREIS

Cantou-me hoje um rouxinol  
Que canta alem no silvado;

—Eu ando a filigranar  
A coroa p'ro teu noivado.

Uma coroa de Luar  
Com perfumes de açucenas,  
Rosas a desabrochar  
E sorrisos de verbenas.

A estola que ha-de prender  
A tua mão, lyrio celeste,  
Mandou-a a Lua tecer  
Dos beijos que tu me deste.

O manto que ha de cingir  
O teu corpo de alabastro  
Ha de ser feito d'am astro,  
E de perolas de Ophir.

O padre que hade lançar  
Sobre nós, sancta benção,  
Ha de ser meu coração  
D'anceios a palpar.

Os padrinhos do enlace  
São teus olhos côr d'amora,  
As rosas da Tua face  
E teus labios côr d'aurora.

\*

Como encerra poesia  
Este noivado feliz!  
— Quando será esse dia,  
Minha branca flôr de liz?

(Dos Sorrisos).

Albino Bastos.

\* \* \*

Tudo revela a eterna existencia d'um Deus. Não  
o podemos comprehender, não o podemos ignorar.

Voltaire.

\* \* \*

## BUCOLICA

TARDE quente.

No ar calmo immobilidade tediosa.

Fulgurações do sol no occaso; laivos de sangue,  
sombrias transparencias de coralina, chuva ignea de  
ouro velho.

No céu de cinza verde, borrões de nuvens, flócos  
de algodão.

A caminho do monte, pela encosta tojosa, os dois  
silenciosos, de mãos dadas, pelo carreirinho, fita branca  
a serpentear entre oliveiras.

Ella; carita oval, sadia, de pelle tostada, de saia  
curta de baetilha encarnada, cabellos soltos, lenço de  
riscado ao pescoço, meias de linha amarella, sahidas  
em berro chromatico dos sapatos brancos, toseos;  
a cantara da agua, á esquerda, premida pelo braço,  
sobre o quadril; saracoteio robusto de femea sem ner-  
vos, risos parvos no rosto alvar, de contente.

Elle; de jaqueta e feltro d'aba larga, cinta preta,  
cajado na mão, rosto chupado, glabro, com saliencias,  
olhitos pestanudos na testa curta emmolecida, suja de  
suor e pó.

Tempos a tempos paravam.

Para olharem um para o outro.

«Luzia!»

«Quê, Tonio!»

«An!... An!... An!...»

Alegria de brutos; casquinadas convulsas como es-  
tertores.

«An! An!»

«Pois bem! que gracinha!»

Mulos a fitarem-se; contemplação boçal, de ani-  
maes timidos.

De novo andavam.

Cabeças curvas, os braços em balanço indolente.

Agora desciam.

Campo largo, unidade panoramica.

Aqui, acolá, n'uma petrificação de dolmens, a ro-  
cha salpicando a terra.

Do outro lado, um pinhal brumando o horisonte,  
com vertigem macabra de linhas rectas.

No poço.

Cabritagem atrevida ao bebedouro.

O cabreiro, assobiando, á pedrada ao bode, aos  
saltos de pedra em pedra, independente com sacudi-  
dellas trocistas do forinho com pera diabolica.

«Eh! raio!... Eh! raio!...»

Agora, às lufadas, o vento marulhando pela ra-  
maria quebradiça do renque d'eucalyptos, anemicos, es-  
farrapados, a penderem todos para o mesmo lado.

No echo vibrante, chiadeira de carros d'azinho,  
no correjo da cortiça, d'alem, d'aquelle sobreiral,

O Antonio interpellou o cabreiro:

«Eh! tu, dianho! que horas são?»

D'olhos no horisonte, este observava a sombra:

«Vae das seis pr'as sete!»

O que mergulhou a Luzia n'um desconsono.

«Eh! Jesus! Deus! Valha me... sete horas! es-  
tou á agua e ainda hei de fazer a cama ao burro, fe-  
char a quadra, levar a calda de farello á marrã que  
está de cria no chiqueiro!... A esta hora minha mãe  
brama que tem diabo!»

«Ora pressas!»

Acocorado sobre uma pedra, o Antonio, divertido,  
ocioso, derrancou com o cajado os pés de baunilha  
brava.

Na azafama, muito debruçada no bordo do poço,  
á Luzia chapinava, aos sacões, o caldeiro sobre a agua.

Chap! Chap!

Depois retesos os braços, busto arqueado, caça-  
va a corda á pressa.

Cascatear d'agua, chuveiros crystallinos, *plaf»* ru-  
des de martello, e um como cantar de fonte ao incli-  
nar o caldeiro sobre a cantara, que se encheu.

«Vamos lá Tonio!... Vamos lá?»

E pondo a cantara á cabeça a Luzia abalou lesta  
pelo carreiro pendulando os braços no saracoteio mus-  
culoso de femea garupada:

O Antonio fitou-a por um braço; obrigou a a pa-  
rar.

E tirou-lhe o cantara da cabeça, enquanto argu-  
mentava:

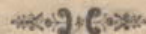
«Ora pressas!... Inda ha dia para uma hora!...  
No verão as tardes são grandes!»

«Qual! lá por casa ha muita obrigação.»

«Sim? hei de acabar com isso!»

(Conclue).

PEDRO NAVARRO.



## Silhouettes

I

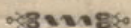
Jovem... formosa... elegante...  
Toda bondade e ternura...  
Dos cabellos na brancura  
Tem a graça mais tocante.

Arrebata n'um instante  
A alma mesmo a mais dura,  
Pois além da formosura  
Tem um todo captivante...

Dança bem. E' salerosa...  
Tem certa graça a fallar,  
Compraz ouvil-a cantar

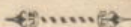
Pois tem a voz maviosa...  
Tem um genio folgazão  
A par d'um bom coração...

Abril de 98.



BI-NIÑO.

Seria destruir as bases a todas as religiões o não admitir que ellas tem um fundo commum na natureza humana; e estes principios, communs a todo o culto, entram incontestavelmente no termo da moral religiosa.



Janet.

## RUINAS

Lá vae cahir desfeito, aniquillado,  
Entre as ruinas d'um amor antigo,  
Meu coração—esse ultimo abrigo  
D'uma esp'rança, d'um sonho illuminado.

E, pobre e só, lá vae amortalhado  
Tão novo ainda p'ra o feral jazigo,  
Onde encontra por fim um peito amigo  
No chão que lhe abre o seio enregelado!

Cresçam goivos na campa solitaria  
Onde vae dezançar da sorte vária,  
Meu coração ingénuo de creança...

Haja prantos por elle sempre em meus olhos  
Emquanto eu for assim pisando abrolhos,  
Sem ver raiar a luz da eterna esp'rança!

RIBEIRO DE CARVALHO.

Se tu cazares, dizia um pae a sua filha, farás bem, e se não cazares, farás ainda melhor.

—Sendo certo o que diz, respondeu a filha, procure me depressa um marido, contentar-me hei com o bem deixando a outras o melhor.

Castillo.



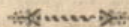
## TU ÈS

M. C.

Tu és a estrella matinal... brilhante  
De deslumbrante e seductora luz  
Que lanças meiga... muito meiga e calma  
Na minha alma a esperança a flux.

Tu és a fada gentil donairoza  
Que caridosa vem guiar-me a vida.  
Do meu futuro és risonha esperança  
Tu és creauça! para mim a vida.

Guimarães, 1898.



Bi Niño.

## PASSATEMPOS

### LOGOGRIPO

Ave 1—10—3—4—5—6—7—8—4—2

Ave 1—10—3—4—5—6—7—10

Ave 1—10—5—8

Ave 9—8—9—8

AVE.

Guimarães, 24—4—98.

G. Oscar.

### Decifrações do 5.º numero :

Charada em cruz :

L  
A  
O  
ROSAMUNDA  
E  
D  
O  
N  
T  
E

Logogripho : Lucrecia.

Foi decifradore do logogripho a sr.ª D. A lelaide da Silva Machado.



A assignatura é paga no fim do trimestre.